

Clivagens emergentes no mundo empresarial brasileiro

Apoiadores e críticos da extrema direita

Rodrigo Cantu*

<http://orcid.org/0000-0002-6099-1200>

Introdução

A partir de 2013, o Brasil entra em uma crise multidimensional, que instaura uma “conjuntura fluida” (Dobry, 2014) de transformações em vários âmbitos da vida nacional. A compreensão desse momento é talvez um dos principais temas a ocupar as ciências sociais brasileiras. Com início na crise de legitimidade instaurada pelos protestos de junho de 2013 (Alonso e Mische, 2016; Alonso, 2017), a crise é aprofundada pela “grande recessão brasileira” de 2014 a 2016. A contração econômica foi a maior de todas as crises já enfrentadas pelo país, e a recuperação ao nível de renda pré-crise foi a mais lenta (Codace, 2017; Rossi e Mello, 2017). Diferentes interpretações da crise econômica já estão disponíveis para a comunidade de cientistas sociais (Barbosa, 2017; Dweck e Teixeira, 2017; Carvalho, 2018). A esses fenômenos se juntam ainda as turbulências no mundo político institucional (Santos, 2017; Singer, 2018; Teixeira, Dweck e Chernavsky, 2018; Avritzer, 2019; Miguel, 2022) e o aguçamento de tensões na sociedade brasileira no geral (Costa, 2018; Grün, 2018), culminando na ascensão da extrema direita e na eleição de Jair Bolsonaro.

O processo de desdemocratização vivenciado pelo Brasil (Ballestrin, 2018) ganha um ímpeto renovado com a chegada ao poder de Jair Bolsonaro. Dos vários

* Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

atores envolvidos nesse tipo de movimento histórico, os empresários assumiram conhecidamente um papel saliente em outras conjunturas críticas da política e da sociedade brasileiras, tanto em processos de desdemocratização (Dreifuss, 1981), como de democratização (Cruz, 1995). No atual contexto de crise democrática, o empresariado se posicionou de maneira incomum: ora apoiando, ora condenando o governo Bolsonaro, o mundo empresarial não apenas voltou a abandonar sua típica discrição política, como também demonstrou fissuras pouco conhecidas. Nesse cenário, despontam várias questões a uma sociologia política do empresariado. Que atores do mundo empresarial apoiaram a agenda e a desconstrução institucional realizada pelo governo Bolsonaro? Que atores se manifestaram criticamente contra elas – a despeito da comparativa falta de contundência de suas expressões? Há um conjunto de propriedades que permite entender essa clivagem emergente no mundo empresarial? Que fatores estão relacionados ao extremismo de direita de parte do empresariado nacional?

O presente artigo busca examinar essas questões empiricamente, com base em um conjunto de dados original de atores do mundo empresarial, reunido com informações disponíveis publicamente. Visando a uma análise exploratória da relação entre, por um lado, o posicionamento político e, por outro lado, as propriedades sociais de atores empresariais e suas organizações, utilizamos principalmente a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) como técnica capaz de elaborar um quadro de afinidades e oposições mais relevantes. Buscou-se ainda comentar os resultados à luz de algumas discussões que podem lançar as bases de pesquisas futuras sobre os conjuntos de propriedades associados ao apoio e à crítica à extrema direita entre esses atores.

Na próxima seção, apresentamos a emergente clivagem empresarial que se manifesta ao longo do governo Bolsonaro. Os dados e a metodologia são descritos na terceira seção. Após a discussão dos resultados na quarta seção, encerramos com comentários finais e um balanço das contribuições e lacunas deste estudo.

Desconstrução institucional e fissuras no mundo empresarial

Durante o governo Bolsonaro, uma agenda do executivo alinhada a uma doxa econômica hegemônica não deixou de existir. A reforma previdenciária e a autonomia do Banco Central – que foram efetivamente aprovadas – e as propostas de reformas tributária e administrativa ilustram esse fato. Entretanto, a existência de uma agenda de mudanças conservadoras radicais foi talvez um de seus traços distintivos. Atores empresariais tentaram, por exemplo, distinguir uma agenda “econômica” – supostamente mais consensual entre elites econômicas – de uma agenda “ideológica” de

Bolsonaro (Scaramuzzo, 2021). A relação conflituosa do executivo federal com o legislativo foi um vigoroso obstáculo à ampla institucionalização de qualquer uma dessas agendas (Avritzer, Kerche e Marona, 2021). Com o maior alinhamento com o Congresso nos últimos anos de governo, as possibilidades do executivo em avançar suas pautas antes se diluíram do que aumentaram, na relação mais negociada que passou a vigorar entre os dois poderes.

A reduzida capacidade de deixar um legado na lei não ofuscou o ímpeto reformista do governo Bolsonaro, levado a cabo por vias infralegais. Inúmeras áreas passaram por um processo de desconstrução ou reconversão institucional: da cultura às políticas para mulheres, passando pelas políticas sociais (Gomide, Silva e Leopoldi, 2023). As políticas de saúde e ambientais se destacam no cenário de degeneração das políticas públicas, com notórios casos de degradação ambiental e com o fracasso do enfrentamento da pandemia de covid-19. Por um lado, o governo tensionou ou desmobilizou várias instâncias participativas e colegiadas para debate e gestão de políticas públicas (Bezerra *et al.*, 2024). Por outro lado, com mudanças no quadro regulatório e intimidação de servidores em posições chave, o governo logrou reduzir a contestação de uma burocracia – resistente e profissionalizada – e silenciar os trabalhadores do setor público. Desse modo, sua agenda ideológica pôde avançar em várias áreas (Bersch e Lotta, 2024). Essas medidas buscavam o desmonte do tipo de aparato estatal construído desde o fim do regime autoritário, pois, na visão do presidente Jair Bolsonaro, “antes de construir é preciso desconstruir muita coisa no Brasil” (Mendonça, 2019).

Entre as elites econômicas brasileiras, fissuras começam a aparecer já a partir do primeiro ano de mandato de Jair Bolsonaro, com relação a sua agenda ambiental. Em meados de 2019, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou dados indicando uma aceleração do desmatamento na Amazônia. Os dados foram objeto de várias críticas de Bolsonaro e levaram à demissão do presidente do INPE, o renomado cientista Ricardo Galvão. A degradação ambiental na região amazônica se tornou tangível ao resto do país em agosto de 2019, quando uma nuvem de fumaça de grande abrangência chegou ao Sudeste e Sul, oriunda de queimadas nos estados do Acre e Rondônia. Em São Paulo, “o dia virou noite”¹ em 19 de agosto, em função da densidade da fumaça em conjunção com outras condições meteorológicas.

O debate suscitado por esses eventos mobilizou parte do mundo empresarial brasileiro, em torno de uma carta endereçada ao vice-presidente Hamilton Mourão, demandando providências contra o desmatamento. A carta – circulada amplamente por vários jornais – foi assinada por líderes de 38 grandes empresas, visando Mourão

1. Esse era a *hashtag* de publicações em redes sociais, com fotos da cidade escura no meio da tarde.

como interlocutor, uma vez que ele também ocupava o cargo de coordenador do Conselho da Amazônia.

As políticas de gestão da pandemia de covid-19 do governo federal também tornaram visível a oposição de parte do mundo empresarial. Em meio à crescente percepção de fracasso das iniciativas sanitárias de Bolsonaro, é publicada em março de 2021 a carta aberta “O país exige respeito: a vida necessita da ciência e do bom governo”. Assinada por um grupo de economistas, líderes empresariais e banqueiros (pouco mais de duzentos originalmente), a carta faz um diagnóstico sombrio do Brasil à época, que pode ser lido como uma crítica à ineficácia do governo. Apresenta ainda uma lista de providências então urgentes, principalmente quanto à implantação de medidas sanitárias mais eficazes e à ampliação da vacinação.

Merece uma atenção sociológica especial a crítica – por mais branda que seja – de atores empresariais que, em outros contextos, se manifestam com muita discrição sobre suas preferências e aversões políticas. Direcionada contra um governo de extrema direita, consensualmente entendido com pró-negócios, ela também foi acompanhada de uma defesa tácita de outra parte da comunidade empresarial. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da covid-19, iniciada em abril de 2021, revelou, por exemplo, como várias figuras do mundo dos negócios estavam envolvidas na formulação, disseminação e implementação das ideias endossadas por Bolsonaro sobre a doença e seu combate. Se esse alinhamento é mais visível no âmbito das políticas de saúde durante a pandemia, ele também pode ser constatado na área ambiental. Atestam esse apoio implícito as difusas, mas contínuas, queixas contra a atuação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a política de demarcação de terras indígenas e quilombolas. É emblemática a nomeação do empresário catarinense Jorge Seif Junior para a pasta da Pesca do governo Bolsonaro, que ocorreu a partir de um encontro algumas semanas depois do segundo turno de 2018, a fim de levar ao presidente eleito uma série de reivindicações, entre elas a denúncia do excesso de fiscalização ambiental.

Material e métodos

Dados: coleta e construção de variáveis para uma análise exploratória

A fim de examinar a variedade dos posicionamentos no mundo empresarial e sua relação com as propriedades sociais de seus agentes, elaboramos um conjunto de dados quantitativos com 124 indivíduos e quinze variáveis categóricas. A seleção dos indivíduos teve como critério a aparição do ator empresarial em registros publicizados de manifestação com relação ao governo Bolsonaro ou a alguma de suas

políticas específicas. Para levantar um grupo de indivíduos que expressaram críticas ao governo, consideramos os atores empresariais presentes nas duas cartas abertas contra políticas ambientais e sanitárias de Bolsonaro: a carta sobre o desmatamento de julho de 2020, endereçada ao vice-presidente Hamilton Mourão, e a carta aberta “O país exige respeito: a vida necessita da ciência e do bom governo”, sobre as políticas de combate à pandemia de covid-19.

Os nomes de atores empresariais com posicionamentos favoráveis a Bolsonaro foram levantados por meio de buscas nos jornais *Valor* e *O Globo*. Em função da amplitude do material dessas fontes, selecionaram-se alguns períodos e um episódio específico, para a coleta dos dados: os anos de 2018 e 2019 – para ter em conta o movimento de ascensão eleitoral e o início do governo Bolsonaro – e também o primeiro semestre de 2023 – considerando os impactos de inquéritos que envolvem Bolsonaro e empresários. O levantamento inicial foi realizado nas ferramentas de busca das páginas da internet dos referidos jornais com os termos “empresário” e “Bolsonaro”. Dos retornos originais, foram selecionadas as matérias, nas quais empresários se expressavam favoravelmente a Bolsonaro ou eram relacionados ao político de extrema direita. Adicionalmente, elencaram-se atores envolvidos em um episódio relevante de confirmação de apoio ao então presidente: o encontro de Bolsonaro em um jantar com um grupo de empresários em abril de 2021. O encontro aconteceu como uma reação à Carta “O país exige respeito...” e constitui um momento propício para explorar as divisões do mundo empresarial.

A elaboração de uma lista de indivíduos do grupo “crítico” obedece a um critério suficientemente nítido: a subscrição de uma manifestação de descontentamento com relação a determinada política do governo. Entretanto, a lista de apoiadores de Bolsonaro reúne atores que se relacionam com o então presidente de maneiras muito variadas. Em nosso conjunto de dados, decidimos incluir indivíduos que se envolveram ativamente na campanha eleitoral de 2018 – seja em movimentos e comitês ou em cartas aos funcionários da empresa; que concentraram grandes doações de campanha em Bolsonaro (e não em outros candidatos); que entraram em algum momento no governo; que participaram de encontros com Bolsonaro, com conhecida intenção de manifestar apoio; ou ainda que apareceram em inquéritos sobre práticas ilegais envolvendo o apoio ao presidente, tais como no inquérito sobre *Fake News* ou sobre os ataques de 8 de janeiro de 2023². Foram deixados de fora

2. Esses tipos de relação com Jair Bolsonaro foram a base da construção de uma variável sobre o “contexto da posição” política do ator empresarial, como indicado na Tabela 1. Cabe observar que, para os indivíduos que expressaram críticas ao governo, a lista de signatários dos dois manifestos considerados não se sobrepõe: quem assinou um não assinou o outro. Para os apoiadores, há sobreposição entre as categorias. Por exemplo, Luciano Hang, dono da empresa de comércio Havan, foi doador de campanha,

indivíduos que fizeram grandes doações de campanha, mas que também o fizeram para outros candidatos; e figuras menos conhecidas que apareceram nas matérias de jornal, com nomes comuns e pouca precisão com relação a sua origem geográfica e ramo de negócio, difíceis de serem distinguidos de homônimos (por exemplo: Rodrigo Moraes, Celso Rocha).

As virtudes e possíveis vieses da seleção de casos em manifestações publicizadas de crítica ou apoio merecem ainda algum comentário. Talvez como principal vantagem heurística, esse critério permite focar a investigação no “núcleo duro” da clivagem empresarial que emerge a partir de 2018. Trata-se de uma parte “ativa politicamente” da esfera empresarial: pessoas que, por exemplo, assinaram documentos públicos de intervenção política ou que aceitaram ter seus nomes mencionados em reportagens em que sua associação com Bolsonaro era evidenciada. Como resultado, o conjunto de indivíduos selecionados é muito variado, representando empresas de diferentes setores e escalas de operação. Ao lado de atores filiados a gigantes transnacionais, constam ainda pequenos empresários, de perfil mais discreto, para os quais é mais difícil encontrar informações – o que responde pela proporção elevada de “NAs” para algumas variáveis. Isso sugere que a emergente divisão política do empresariado é transversal a outros marcadores de diferenciação desta esfera.

Essas características variadas dos indivíduos selecionados não devem dissimular, entretanto, suas limitações. Em contraste com essa exaltação dos ânimos políticos, é muito plausível supor que, para boa parte do universo dos negócios, essa politização seja ignorada ou mesmo indesejável. Assim, é possível explorar uma dimensão emergente das divisões do mundo empresarial – por meio de uma politização extrema de direita e suas reações – com os atores que efetivamente estão engajados nos contenciosos dessa querela. Como desvantagens, os dados seguramente oferecem respostas muito limitadas ao leitor em busca de um retrato da real demografia das diferenças nas opiniões políticas do empresariado (quantos são a favor, quantos são contra?). É possível supor que a amostra levantada subestima a proporção de atores empresariais que apoiam Bolsonaro. Enquetes sugerem que seu respaldo era muito amplo, mesmo em contextos adversos³. Não sendo esse, porém, o tema específico

esteve em encontros com Bolsonaro, fez campanha e participou de atos pró-Bolsonaro, além de constar em inquéritos relacionados à ação de grupos ligados a Bolsonaro. Optou-se então por uma codificação em torno de um “contexto principal” que expresse o posicionamento do indivíduo, que tem uma lógica “quase ordinal”, onde “Doadores/Encontros” expressa a relação menos intensa com Bolsonaro, “Campanha/Atos_B” uma relação moderada e, finalmente, “Inquéritos” a relação mais forte. Concluindo a exemplificação, Luciano Hang é então codificado em “Inquéritos”, para essa variável.

3. Em um exercício com o conjunto de dados do Datafolha disponível no Consórcio de Informações Sociais (<https://nadd.prp.usp.br/cis/>), sobre a avaliação do governo Bolsonaro em maio de 2021, é possível identificar o quão disseminado era o apoio de empresário em geral. Em uma tabulação cruzada

deste estudo, esse tipo de viés não deve prejudicar as conclusões tiradas dos dados quantitativos.

A problemática aqui explorada visa antes a avaliar se existem perfis sociológicos específicos relacionados ao apoio ou à crítica a Bolsonaro. Para tanto, foram levantadas várias informações sobre os indivíduos selecionados e organizadas em variáveis categóricas para a análise quantitativa. As unidades de análise do conjunto de dados são os indivíduos; porém, foram ainda reunidas informações sobre suas empresas, a fim de complementar o quadro de propriedades exploradas. Com relação às fontes, foi necessário perfazer uma ampla gama de referências, considerando a correspondente variedade de indivíduos selecionados. Para atores do mundo empresarial de destaque, é possível encontrar reportagens em jornais e publicações empresariais com detalhes biográficos suficientes. Todavia, nossa amostra conta ainda com indivíduos de pouca visibilidade tanto no meio empresarial quanto na esfera pública em geral. Para esses, a disponibilidade de informações é mais restrita; então recolhemos informações ainda em publicações de internet de veículos menos consagrados⁴ e dos perfis dos indivíduos em redes sociais, especialmente do *LinkedIn*. Como princípio de seleção das fontes, consideramos ao final todo tipo de fonte, desde que ela fosse pública na internet e que não houvesse razão para duvidar da veracidade de seu conteúdo.

As informações das empresas colocaram também alguns desafios que merecem ser comentados. Seus perfis são igualmente variados: algumas são de capital aberto, outras de capital fechado; algumas são gigantes multinacionais, e outras pequenos empreendimentos locais; algumas são empresas de tecnologia, enquanto outras são do setor primário ou de indústria tradicional. Esse quadro resulta em uma disponibilidade também muito desigual de informações. Para as empresas de capital aberto, buscamos o volume do faturamento para o último ano disponível, geralmente 2023, em documentos de suas páginas da internet dedicados a relações com investidores (demonstrações financeiras e relatórios anuais). Em casos em que não foi possível identificar essas informações nesses documentos ou para empresas de capital fechado, utilizamos fontes alternativas, como verbetes da *Wikipédia* ou estimativas da base de dados da empresa de consultoria Econodata ou da rede social *LinkedIn*, disponíveis publicamente na internet. Essas fontes foram importantes também para o levantamento do número de empregados das empresas, uma vez que essa informação não é obrigatória nos documentos de empresas de capital aberto.

entre a variável de avaliação do governo e ocupação, quase 50% dos empresários avaliavam o governo como ótimo ou bom, 25% como regular e 25% como ruim ou péssimo. Um resultado contundente, em se tratando de um contexto de crise da pandemia.

4. Por exemplo: uma reportagem da página de um sindicato patronal na internet.

As informações foram organizadas em quinze variáveis, divididas em cinco grupos, como indicado na tabela 1. Ainda fora desses grupos, situamos a “variável dependente” do posicionamento do ator empresarial: se a favor ou crítico ao governo Bolsonaro. Ao se considerar esse conjunto de variáveis, torna-se patente a relevância de uma análise exploratória dos dados, como foco principal do estudo. É difícil se chegar a conjecturas inequívocas sobre a relação entre o posicionamento do ator empresarial e suas propriedades sociais. Em uma de suas principais lições, os estudos sobre a nova extrema direita e o neoconservadorismo no Brasil os caracterizam como fenômenos socialmente intrincados, compostos por alinhamentos múltiplos. Assim, uma determinada propriedade social pode não apresentar uma relação unívoca com a tomada de posição política.

Por exemplo, elaboramos uma variável sobre gênero, pois as vicissitudes da agenda de igualdade de gênero são centrais no debate sobre a emergência do neoconservadorismo no Brasil e no mundo (Biroli, 2020). Considerando que o neoconservadorismo endossa uma visão tradicional dos papéis de gênero, com a manutenção de hierarquias entre, por exemplo, homem e mulher, pode-se esperar que mulheres tenderiam a ser mais críticas a Bolsonaro. Entretanto, a relação entre extremismo de direita e gênero pode ser complexa: a promoção de visões conservadoras sobre gênero não é realizada apenas por homens, mas conta também com protagonistas mulheres relevantes, principalmente por influência religiosa (Solano, Rocha e Sendretti, 2024). Assim, embora crucial para uma análise das clivagens aqui tratadas, não é possível conjecturar uma relação específica entre gênero – aqui, em uma perspectiva simplificada de homens e mulheres – e apoio / crítica a Bolsonaro.

O mesmo vale para indicadores *proxy* de classe. Construimos uma variável sobre a origem geográfica dos indivíduos, tendo em mente uma diferenciação entre centros com maior ou menor acúmulo de capitais e, portanto, melhor ou pior situados em uma hierarquia regional brasileira. Nesse sentido, a origem regional pode ser carregada como um componente facilitador ou um obstáculo às estratégias de reprodução ou ascensão em jogos sociais de elites econômicas. Adicionalmente, construimos variáveis sobre o capital cultural de indivíduos, objetivado em títulos acadêmicos, pelo curso realizado no ensino superior e pela instituição frequentada. Assim como cursos mais prestigiosos devem servir de trunfos no ingresso e percurso em meios de elites econômicas, a passagem por instituições de maior prestígio também abona o acesso a posições dominantes. Contrastadas com a literatura, essas medidas de desigualdade de classe não se relacionam de modo cristalino com o posicionamento político neoconservador. O bolsonarismo, em um primeiro olhar, tem apelo elitista; entretanto, ele também é sabidamente enraizado em classes populares (Rocha e Solano, 2021), especialmente em sua intersecção com o neopentecostalismo (Côrtes,

2021). Portanto, cabe antes explorar que tipo de relações entre classe de origem e posicionamento aparecerá nos dados, tendo em vista a impossibilidade de definir uma conjectura coerente sobre essa relação.

Finalmente, as informações sobre as empresas foram levadas em consideração, entendendo que elas podem constituir meios sociais importantes nos quais as visões políticas dos indivíduos são formadas. Assim, diferentes formas de empresa podem formar diferentes visões de mundo. Elaboramos variáveis sobre setor, regime de propriedade (fechado ou aberto), nacionalidade do capital (doméstico ou estrangeiro), faturamento e número de empregados. Elas foram reunidas tendo em mente os apontamentos da literatura sobre os possíveis fatores de divisão na ação política do empresariado no Brasil. Em ruptura com estudos das décadas de 1960 e 1970, um conjunto de publicações de revisões das pesquisas brasileiras e latino-americanas sobre empresariado – influenciados por uma matriz interpretativa institucionalista – destaca a variedade de interesses e capacidade de ação desses atores (Kirschner e Monteiro, 2002; Mancuso, 2007; Monteiro, 2008; Beltrán, 2012). Essa variedade se fundamenta na igual diversidade do empresariado, em termos de setor, escala de operações, entre outros fatores de diferenciação. Outro debate relacionado ao tema aqui estudado é o das mudanças no campo gerencial brasileiro nos últimos trinta anos, com a correlata introdução e adaptação ao país de modernos princípios internacionais de governança corporativa (Grün, 2015). No bojo dessas mudanças, a emergência dos discursos e práticas de sustentabilidade empresarial (SE) desponta como uma de suas principais dimensões (Sartore, 2012; Barreiros, 2018, 2021).

O foco do debate sobre a ação política do empresariado recai em particular sobre as formas de atuação coletiva, a fim de avançar a agenda de certo círculo de empresas. Em um contexto de deslocamento do foco dessa ação – do executivo para o legislativo com a redemocratização (Diniz e Boschi, 2004) –, a diversidade do mundo empresarial renova sua força enquanto fator estruturante da organização coletiva desses atores. Essa rica tradição de pesquisa oferece, porém, poucas conjecturas sobre a emergente clivagem empresarial engendrada pela ascensão da extrema direita. Assim, com relação aos atributos das organizações, há poucas pistas nessa literatura para pensar relações específicas entre um conjunto de variáveis e o posicionamento extremista dos atores (ou sua crítica). Este estudo procede então de maneira exploratória, visando justamente a contribuir com novos achados para a sociologia política do empresariado brasileiro.

Por sua vez, o surgimento da sustentabilidade empresarial (SE) como diretriz para a governança corporativa pode sugerir que empresas com propriedades comumente associadas a tais práticas correspondam mais à crítica ao governo Bolsonaro. Embora filtradas por uma ótica mercantil hegemônica (Sales e Cantu, 2021), a SE endossa

posições inclusivas e sensíveis a questões ambientais e sociais, o que a distanciaria, em princípio, do *ethos* bolsonarista. Portanto, testaremos se estão efetivamente relacionadas com o posicionamento pró-Bolsonaro as categorias de empresas com maiores escalas de operação (maior faturamento e mais funcionários), de setores mais “modernos” e tecnológicos, de capital aberto e de origem estrangeira – supondo que essas seriam características de organizações mais envolvidas com a SE. Nossos dados permitem ainda avaliar se a posição na empresa reflete essas dinâmicas, ao explorar se altos quadros gerenciais – pretensamente mais implicados na lógica da SE – se diferenciam de proprietários em seu posicionamento político.

Abordagem metodológica

Com o intuito de realizar uma análise exploratória dos dados, optamos por fazer tabulações cruzadas das variáveis categóricas e por rodar uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) com todas as variáveis. As tabulações servem como “análises parciais” das relações entre a questão que funciona como “variável dependente” – o posicionamento de apoio ou crítica ao governo Bolsonaro – e demais atributos. Entretanto, um retrato mais rico das relações entre essas propriedades dos agentes e empresas só emerge com a utilização de uma técnica que permita examinar a relação entre o conjunto das variáveis simultaneamente; por isso, apelamos também para a ACM. A estrutura da problemática aqui explorada, envolvendo uma variável que funciona como variável dependente, pode remeter ao uso de análise de regressão, especialmente um modelo de regressão logística. Tal técnica foi empregada, por exemplo, por Rennó (2022), para examinar a relação entre voto em Bolsonaro e propriedades dos eleitores. Apesar das contribuições do referido estudo e dos méritos da técnica utilizada, a regressão logística pertence a um paradigma de “efeitos líquidos” de análise de dados (Ragin, 2009) – ou seja, ela estima o efeito líquido de cada variável independente na variável explicada, controlado pelo efeito de todas as outras. Associações mútuas podem apenas ser levadas em conta com termos interativos, cuja interpretação envolve maior complexidade (Goertz e Mahoney, 2012). Como tentamos averiguar precisamente as inter-relações entre as variáveis de nosso conjunto de dados, a ACM se mostra uma técnica mais adequada.

A ACM tem grandes vantagens para o exame da inter-relação entre categorias de um conjunto de dados com diversas variáveis categóricas. A tradição francesa de análise de dados a inclui na família das Análises Geométricas de Dados, ao lado, por exemplo, da Análise de Componentes Principais (ACP) (Le Roux e Rouanet, 2004). A ACM segue a lógica da ACP, ao reduzir a complexidade original da relação entre as variáveis em eixos que maximizam a variância dos dados (ortogonais uns

aos outros). Assim, é possível examinar a relação entre as categorias dos dados em dimensões que expressam as maiores diferenças possíveis de perfis entre as unidades de análise (Le Roux e Rouanet, 2004; Le Roux e Rouanet, 2010; Hjellbrekke, 2018; Kluger, 2018; Bertonecelo, 2022).

Com diferentes usos possíveis, a ACM também serve como ferramenta para a análise exploratória, ao oferecer à investigadora um quadro imagético da relação entre as variáveis, sem qualquer hipótese prévia sobre essas relações. Assim, os padrões emergem indutivamente dos próprios dados (Benzécri, 1969). Outra vantagem da ACM consiste na lógica relacional implícita em sua operação (Lebaron e Le Roux, 2013). Ao invés de definir perfis de atores do mundo empresarial de modo “essencialista” – por um conjunto de características fixas aos grupos –, a ACM elabora um quadro em que grupos de indivíduos são definidos uns com relação aos outros. Essa abordagem “transacional” ou “relacional” (Bourdieu, Chamboredon e Passeron, 1968; Emirbayer, 1997) é pertinente, pois é possível crer que as possíveis clivagens emergentes no mundo empresarial se devem a reações mútuas entre distintos grupos de empresários. Oriundas de um contexto histórico particular, essas codefinições e coposicionamentos tiveram outras formas no passado e poderão se transformar no futuro⁵. Com a ACM, oferecemos, portanto, uma configuração relacional historicamente situada dessa clivagem.

Resultados

As tabulações cruzadas do posicionamento político com as demais variáveis constam nas figuras 1 e 2. Na apresentação gráfica dessas tabulações, a parte branca da barra corresponde à proporção de indivíduos que expressaram uma posição crítica, e a parte cinza à proporção que manifestou apoio a Bolsonaro. Para as variáveis de propriedades sociais básicas, há, em primeiro lugar, uma diferenciação geracional, na qual mais velhos (nascidos antes de 1959) tendem a apoiar mais Bolsonaro que gerações mais jovens (nascidos após 1960). Em termos de diferenças regionais, é marcante a maciça proporção de indivíduos originários do sul do Brasil que demonstraram apoio (mais de 90%). Alternativamente, atores empresariais com origem no exterior e nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo tenderam à crítica. Cabe sublinhar ainda a maior proporção de apoiadores homens que mulheres.

5. Cruz (1995) pode servir como ilustração da importância dessa perspectiva, ao examinar historicamente a mudança de posição do empresariado brasileiro com relação ao regime autoritário instaurado em 1964, que, em meados da década de 1970, de apoiador passa a ser crítico do regime.

TABELA 1

Variáveis, categorias, estatísticas descritivas e contribuições da ACM específica

VARIÁVEL	CATEGORIA	FREQUÊNCIA	%	CONTRIBUIÇÃO EIXO 1	CONTRIBUIÇÃO EIXO 2
Posicionamento político					
Posição	Apoio	55	44,4	8,61	0,45
	Crítica	69	55,6	6,86	0,36
Contexto da posição	Campanha/Atos_B	20	16,1	4,31	0,11
	Carta_Covid	31	25	1,90	10,19
	Doadores/Encontros	17	13,7	2,01	1,19
	Inquéritos	18	14,5	2,44	0,21
	Manifesto_ceos_Ambiental	38	30,6	5,22	4,31
Propriedades sociais básicas					
Gênero	Homem	117	94,4	0,01	0,15
	Mulher	7	5,6	0,13	2,43
Geração	-1959	41	33,1	0,60	0,30
	1960-1969	27	21,8	1,10	0,92
	1970-	22	17,7	0,11	0,14
	NA	34	27,4		
Origem geográfica	CO-N	6	4,8	0,54	0,06
	Exterior	8	6,5	1,46	0,51
	NE	10	8,1	0,09	0,00
	RJ_Capital	13	10,5	0,33	0,93
	S	15	12,1	2,73	0,86
	SE	18	14,5	0,31	0,68
	SP_Capital	37	29,8	1,18	0,99
NA	17	13,7			
Capital cultural					
Formação	Administração	17	13,7	0,11	0,02
	Direito	7	5,6	0,31	0,17
	Economia	27	21,8	1,87	7,78
	Engenharias	26	21	0,66	1,84
	NA	35	28,2	4,33	0,46
	Outras	12	9,7	0,11	0,80
Instituição de formação (UNIVERSIDADE)	Estrangeira	7	5,6	1,54	0,12
	FGV	9	7,3	0,19	0,13
	Privada-capitais	16	12,9	0,00	0,14
	Privada-interior	6	4,8	1,19	0,22
	Pública-capitais	15	12,1	1,47	0,39
	Pública-interior	8	6,5	0,01	0,19
	PUCs	12	9,7	0,81	4,56
	USP	13	10,5	0,58	0,18
NA	38	30,6			

Pós-Graduação	Não	75	60,5	3,78	1,04
	Sim	49	39,5	5,79	1,60
Ingresso e posição no mundo empresarial					
Herdeiro?	NA	93	75	0,46	0,02
	Sim	31	25	1,37	0,05
Cargo	Executivo	52	41,9	5,70	0,58
	Proprietário	72	58,1	4,12	0,42
Propriedades básicas da empresa					
Setor	Agronegócio	16	12,9	2,28	0,24
	Comércio	7	5,6	0,64	0,06
	Construção	8	6,5	1,08	0,05
	Consultoria	16	12,9	0,41	7,67
	Finanças	24	19,4	1,79	0,83
	Manufatura <i>low-tech</i>	11	8,9	0,14	0,88
	Manufatura <i>mid/high-tech</i>	14	11,3	0,47	1,07
	Mineração/Energia	8	6,5	2,35	2,24
	Serviços	20	16,1	0,68	0,28
Origem do capital da empresa (PROVENIÊNCIA)	Estrangeiro	16	12,9	3,54	2,68
	Nacional	108	87,1	0,52	0,40
Regime de propriedade (CAPITAL)	Aberto	51	41,1	2,54	4,93
	Fechado	73	58,9	1,77	3,45
Escala de operações					
Número de empregados (NUM_EMPREGADOS)	Até 100	33	26,6	0,00	9,96
	100-2500	18	14,5	0,58	0,12
	2500 – 20 mil	29	23,4	0,00	3,95
	Mais de 20 mil	23	18,5	2,64	2,09
	NA	21	16,9		
Faturamento	Até 100 mi	14	11,3	0,20	5,72
	100 mi - 1 bi	31	25	0,23	1,93
	1 bi - 10 bi	30	24,2	0,05	2,83
	Mais de 10 bi	24	19,4	3,75	3,13
	NA	25	20,2		

Obs.: As doze categorias que mais contribuem para cada eixo (20% do total de categorias) estão assinaladas em negrito. Abaixo do nome das variáveis, entre parênteses, consta o nome da variável como ela aparece no gráfico da ACM, quando distinto do nome na tabela.

Os indicadores de capital cultural também mostram distinções salientes entre os dois grupos. A formação nas áreas de Administração, Economia e Engenharias apareceu mais relacionada à crítica, em comparação com outras áreas de formação; já os indivíduos para os quais não foi possível encontrar informações sobre formação (NA) tendem ao apoio a Bolsonaro (80%). Para o caso da categoria NA, é plausível supor que a falta de informações disponíveis se deva à ausência de uma formação no ensino superior. Quanto à instituição de formação, as universidades privadas do interior se destacam com a maior proporção de apoiadores (mais de 80%). Finalmente, os indivíduos com pós-graduação tendem majoritariamente à crítica a Bolsonaro (70%). Para as variáveis de ingresso e posição no mundo empresarial, a proporção de apoiadores vindos de famílias com patrimônio econômico e legatárias de empresas foi superior à dos críticos ($2/3$ vs $1/3$). O inverso foi o caso para a categoria NA, para a qual se pode presumir que a falta de informações significa justamente a ausência do patrimônio familiar. Nesse grupo de variáveis, cabe ainda apontar que há uma tendência de apoio entre proprietários e, inversamente, uma tendência de crítica entre executivos – entendidos de maneira ampla: de CEOs a membros de conselhos, que não são acionistas controladores.

Essas relações fornecem algumas pistas para começar a discussão sobre padrões de diferenciação dos grupos. Nesse primeiro olhar, apoiadores e críticos se distinguem principalmente em termos de capital cultural e de localização em hierarquias simbólicas nacionais. Os críticos tendem a apresentar não apenas mais credenciais acadêmicas (pós-graduação), mas também credenciais com maior reputação (formação no exterior, USP, FGV, públicas de capitais e PUCs). Ademais, procedem geograficamente de regiões dominantes: dos dois principais centros urbanos do país e do exterior – os oito estrangeiros do conjunto de dados vêm, em sua maior parte, dos Estados Unidos, Austrália ou Europa Ocidental, salvo um da Venezuela. Inversamente, os apoiadores não apenas têm menos formação, como também têm formação em instituições de menor reputação (privadas do interior). Igualmente, eles estão presentes em maior proporção em regiões que, embora não totalmente periféricas e preteridas, são menos proeminentes nas hierarquias simbólicas nacionais (região Sul, por exemplo). Observando as condições diferenciais de ingresso e de posição no mundo empresarial, apoiadores parecem possuir “carteiras” de recursos sociais compostas primordialmente por capital econômico e por muito menos capital cultural. São proprietários, muitas vezes herdeiros, porém com títulos acadêmicos menos legítimos, vindos de regiões menos proeminentes.

Com relação às diferenças de gênero, a proporção de homens apoiadores de Bolsonaro é ligeiramente superior à de mulheres (45% vs 30%). Entretanto, essa comparação tem como pano de fundo a profunda assimetria entre o número de homens e

FIGURA 1

Tabulação cruzada entre posição política e variáveis de propriedades individuais
(Branco: crítica / Cinza: apoio)

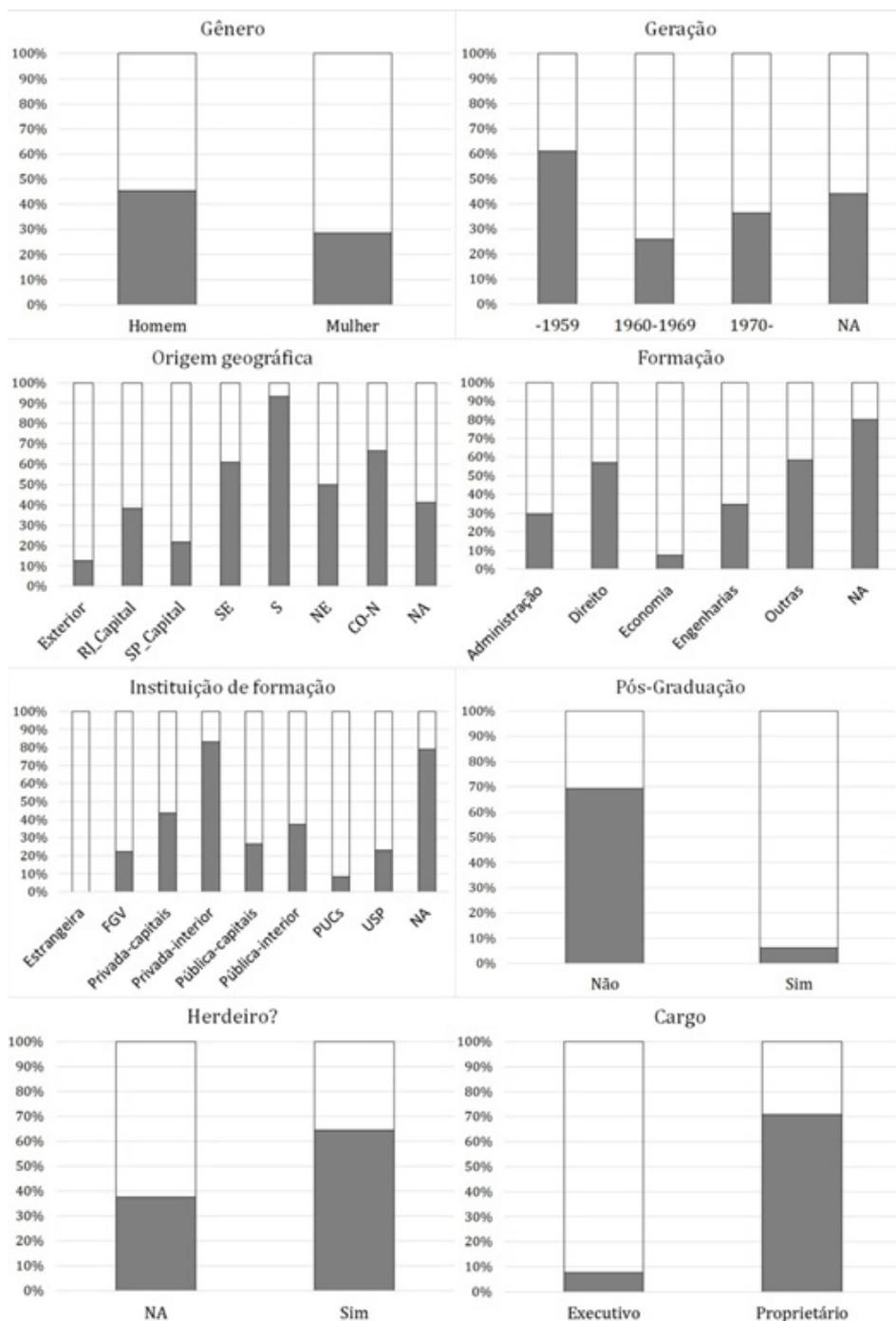
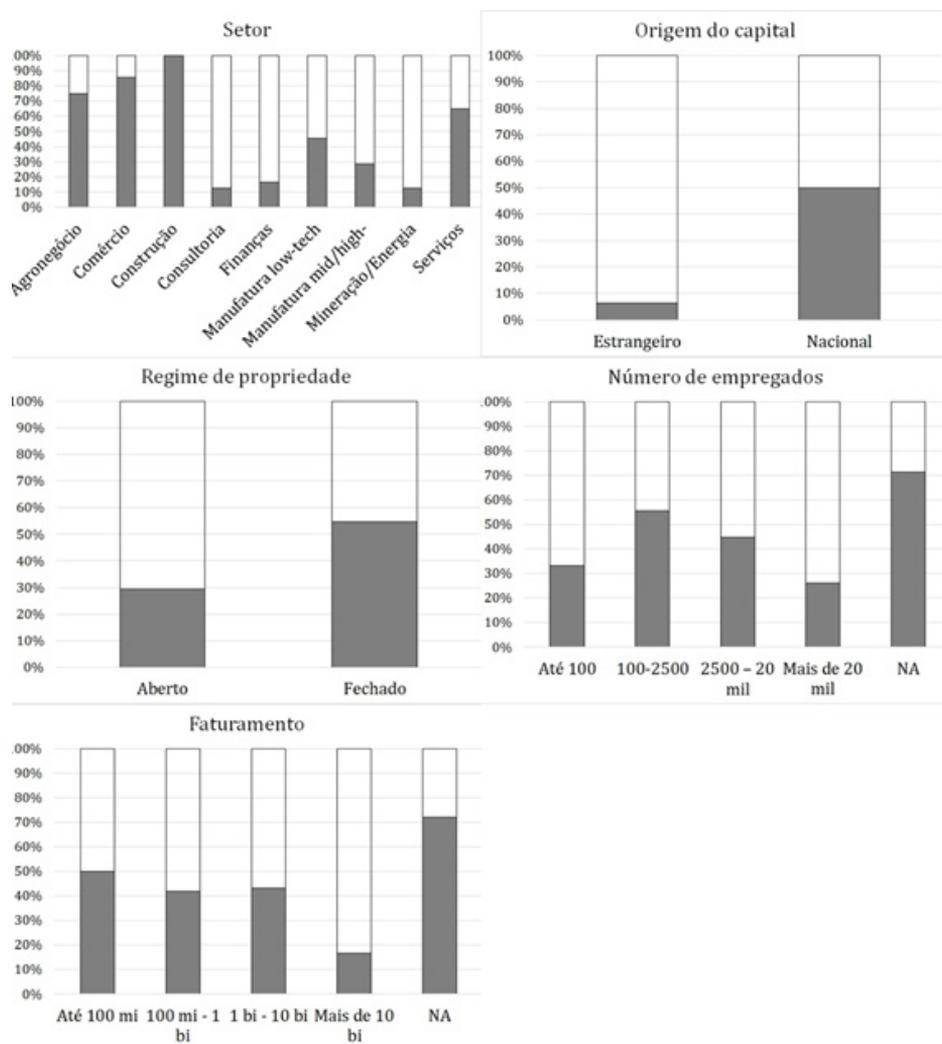


FIGURA 2

Tabulação cruzada entre posição política e variáveis de propriedades das empresas
(Branco: crítica / Cinza: apoio)



mulheres na população examinada: apenas sete mulheres apareceram entre as pessoas levantadas pelos critérios desta pesquisa, representando apenas 6% do total. Nesse sentido, talvez chame menos a atenção que uma maior proporção de mulheres seja crítica a Bolsonaro – em comparação com os homens – do que a reconfirmação da profunda desigualdade de gênero nas cúpulas do mundo empresarial, que os dados sustentam. A despeito das rupturas sugeridas pelas clivagens emergentes do mundo empresarial, elas permanecem um jogo majoritariamente masculino.

Considerando as variáveis das propriedades básicas das empresas (figura 2), o apoio a Bolsonaro mostrou-se predominante entre os indivíduos em organizações

dos setores do agronegócio, comércio, construção e serviços. Nos demais setores – consultoria, finanças, manufatura e mineração/energia –, a posição crítica apareceu em maiores proporções. A crítica foi ainda a posição preponderante nas empresas estrangeiras e de capital aberto. Com relação à escala de operações, é possível constatar que, quanto maior essa escala – em faturamento e número de empregados –, maior é a tendência à crítica. Sobre essas variáveis, cabem ainda dois comentários adicionais. No número de empregados, a categoria “até cem empregados” apresenta maior proporção de indivíduos críticos. Esse resultado se deve à concentração de empresas de consultoria – em nossa amostra, quase todas com menos de cem empregados – no posicionamento crítico. Além disso, nas categorias “NA” nas variáveis de escala, o apoio a Bolsonaro aparece como predominante. É muito plausível que esse resultado se insira na tendência menor-escala/menor-apoio, pois as empresas para as quais não foi possível encontrar essas informações são justamente organizações menores, menos conhecidas e de capital fechado, para as quais tampouco há interesse da imprensa especializada – em que encontramos vários dados para empresas maiores, mesmo de capital fechado.

É possível interpretar essas relações como complementares às regularidades encontradas nas variáveis de propriedades dos indivíduos. As grandes empresas, de capital aberto e multinacionais seriam justamente o reino do “homem de empresa”, em contraste com os “capitães de indústria”, seguindo a ponderação clássica de Cardoso (1964). Em contraste com a segunda, a primeira figura está associada às funções gerenciais que efetivam a concepção racional e técnica de organização empresarial, com um planejamento e horizonte de ganho de médio e longo prazo. Converte então a preponderância do posicionamento crítico entre os indivíduos nas grandes empresas com a necessidade de maiores e melhores credenciais acadêmicas para acesso a seus postos de comando, como identificado nas propriedades dos indivíduos. Embora plausíveis, esses aparentes feixes de propriedades são apenas sugeridos, por meio de exames parciais de tabulações cruzadas entre duas variáveis de cada vez. Passamos agora aos resultados da ACM, que permitem avaliar se esses conjuntos de propriedades aparecem simultaneamente nos mesmos grupos de indivíduos.

Foram rodados dois modelos de ACM: um com todas as categorias e uma segunda ACM específica (Le Roux e Rouanet, 2004, pp. 203-213), com algumas categorias passivas (ignoradas nos cálculos de elaboração dos eixos). Nesse segundo modelo, as categorias “NA” foram colocadas como passivas para todas as variáveis, salvo para Formação e Herdeiro. Para a Formação, consideramos que a ausência de informação era uma *proxy* satisfatória para a ausência de formação no ensino superior e, por essa razão, a categoria foi mantida. A mesma lógica justifica a manutenção da categoria NA da variável Herdeiro: pouco ocultável para o jornalismo econômico – especialmente

TABELA 2

Categorias com maiores contribuições para a formação dos eixos 1 e 2

CATEGORIA	CONTRIBUIÇÃO	COORDENADA
EIXO 1		
NEGATIVAS		
CONTEXTO_POSIÇÃO.Campanha/Atos_B	4,30962	-1,15559
ORIGEM.S	2,734126	-1,06283
POSIÇÃO.Apoio	8,606826	-0,98478
FORMAÇÃO.NA	4,332991	-0,87591
CARGO.Proprietário	4,118772	-0,59541
PÓS_GRADUAÇÃO.Não	3,781652	-0,559
POSITIVAS		
POSIÇÃO.Crítica	6,860513	0,784973
CARGO.Executivo	5,702916	0,824418
PÓS_GRADUAÇÃO.Sim	5,788242	0,85561
CONTEXTO_POSIÇÃO.Manifesto_CEOs_Ambiental	5,218321	0,922517
FATURAMENTO.Mais de 10 bi	3,75272	0,984392
PROVENIÊNCIA.Estrangeiro	3,539986	1,170959
EIXO 2		
NEGATIVAS		
SETOR.Consultoria	7,670631	-1,55849
FATURAMENTO.Até 100 mi	5,722735	-1,43908
UNIVERSIDADE.PUCs	4,560502	-1,3876
CONTEXTO_POSIÇÃO.Carta_Covid	10,186376	-1,29026
NUM_EMPREGADOS.Até 100	9,962022	-1,2367
FORMAÇÃO.Economia	7,782224	-1,20842
CAPITAL.Fechado	3,446417	-0,48907
POSITIVAS		
FATURAMENTO.1 bi - 10 bi	2,83325	0,69172
CAPITAL.Aberto	4,933106	0,700041
CONTEXTO_POSIÇÃO.Manifesto_CEOs_Ambiental	4,306188	0,75771
FATURAMENTO.Mais de 10 bi	3,131682	0,813077
NUM_EMPREGADOS.2500 – 20 mil	3,949805	0,830687

no caso de grandes patrimônios –, a ausência de informações sobre essa condição pode servir de boa aproximação à ausência de legado patrimonial. Os resultados para os dois modelos são similares: a interpretação substantiva dos eixos permanece a mesma quando se usa a ACM específica, sugerindo a robustez do modelo elaborado. Entretanto, no modelo com todas as categorias, algumas “NAS” possuem contribuições importantes para a formação, principalmente do eixo 1. Por essas categorias serem redundantes com outras relevantes para a formação do eixo 1 (categorias de menor escala de operações e de instituição de formação, por exemplo), optamos por apresentar neste artigo apenas os resultados da ACM específica (doravante, simplesmente ACM), pois ela releva um maior leque de categorias não redundantes para a formação dos eixos. Indicadores de qualidade das representações das relações entre categorias nos eixos, as taxas modificadas de variância para os três primeiros eixos são, respectivamente, 47%, 28% e 6%. Uma vez que o terceiro eixo apresentou uma baixa taxa modificada e sua interpretação substantiva não acrescentou à análise aqui empreendida, focaremos no exame dos eixos 1 e 2, que respondem por 76% da taxa modificada acumulada.

Para auxiliar na interpretação dos eixos, a tabela 1, além de apresentar variáveis e categorias, mostra as contribuições de cada categoria para a formação dos eixos 1 e 2. Adicionalmente, a tabela 2 traz, para os eixos 1 e 2, as doze categorias que mais contribuem para sua formação (20% do total de categorias), discriminando ainda entre aquelas que se situam no lado positivo e no lado negativo do respectivo eixo. A distribuição de todas as categorias no plano dos eixos 1 e 2 pode ser consultada no gráfico 1. Nessa representação, a variação no tamanho dos ícones segue a magnitude de sua contribuição para a formações dos dois eixos. O gráfico 2 apresenta ainda os indivíduos no plano dos eixos 1 e 2. Como apoio adicional para o exame dos resultados, o gráfico 3 mostra as elipses de concentração das categorias da variável “Posição”, e o gráfico 4 as elipses da variável “Setor”.

O eixo 1 expressa a divisão entre apoiadores e críticos no mundo empresarial brasileiro, acompanhada do conjunto de propriedades associado a cada posição. Para sustentar essa interpretação, remetemos à importância das categorias da variável de posição política: tanto a categoria de “apoio” quanto a de “crítica” têm contribuições relevantes para a formação desse eixo; ademais, essas duas categorias se localizam em polos opostos do eixo. Especificando esse posicionamento, aparecem ainda opostas as categorias de presença, por um lado, em atos pró-Bolsonaro e suas campanhas eleitorais e, por outro lado, na carta dos CEOs a Mourão sobre a questão ambiental. Sobre as propriedades associadas, destacam-se três referentes ao capital cultural: as categorias “NA” da formação e de ausência de pós-graduação (ambas à esquerda do gráfico) se opõem à categoria de indivíduos com pós-graduação. Complementando

GRÁFICO 1
Plano dos eixos 1 e 2 da ACM – categorias

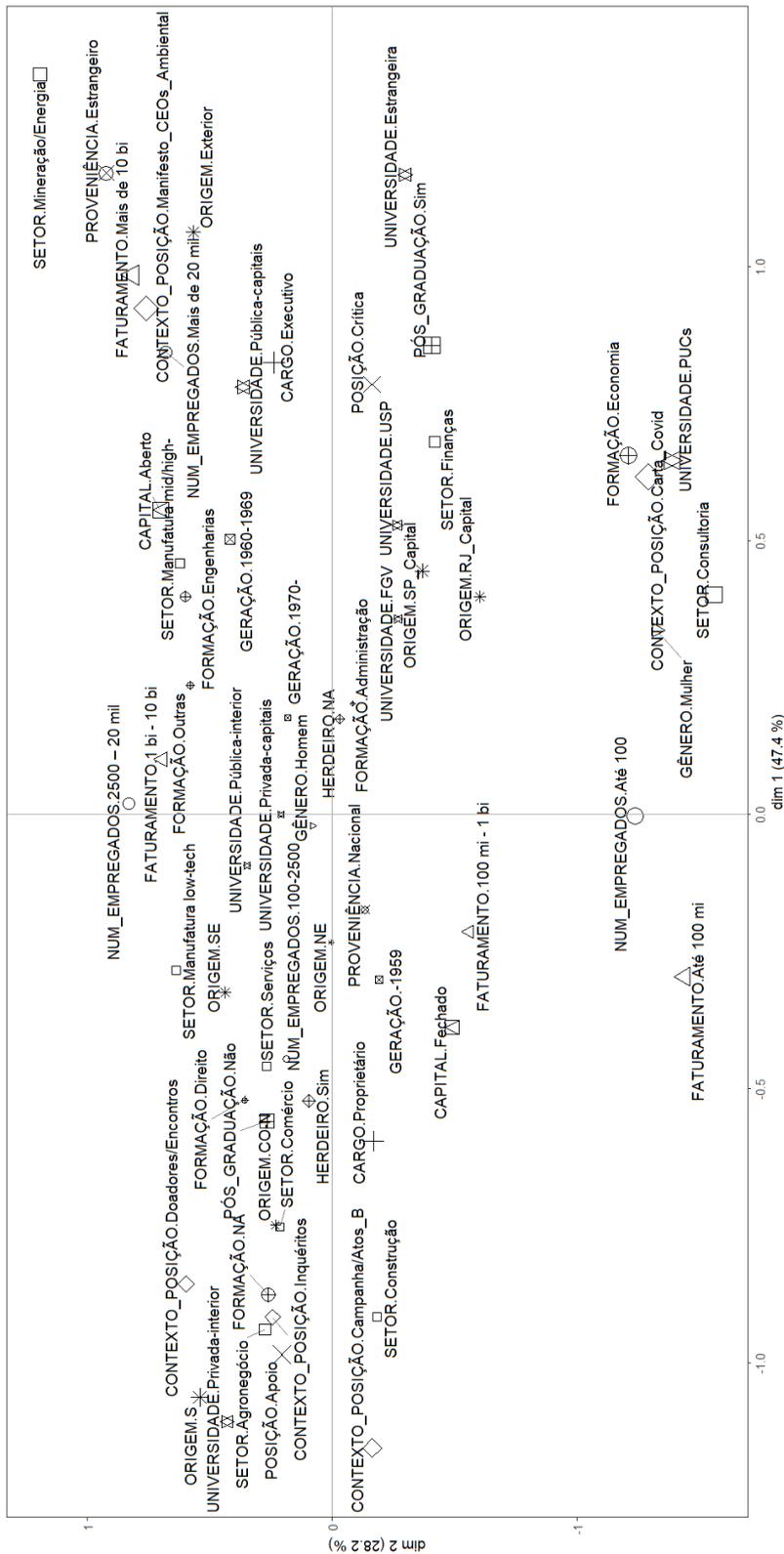
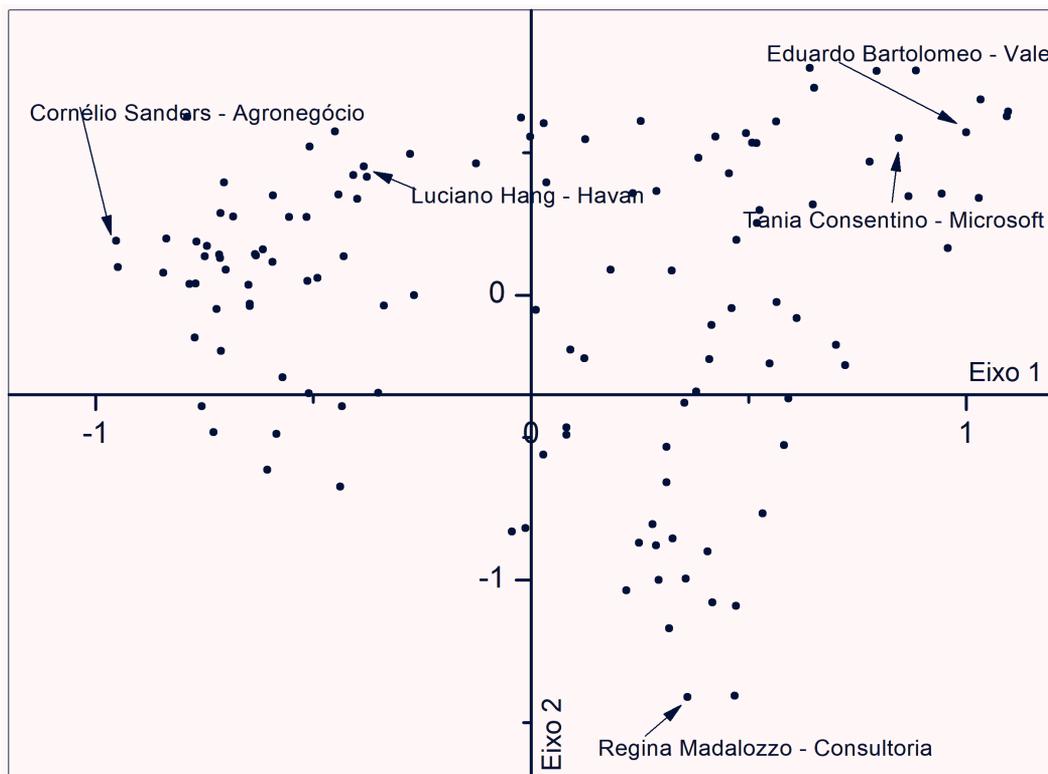


GRÁFICO 2

Plano dos eixos 1 e 2 da ACM – indivíduos

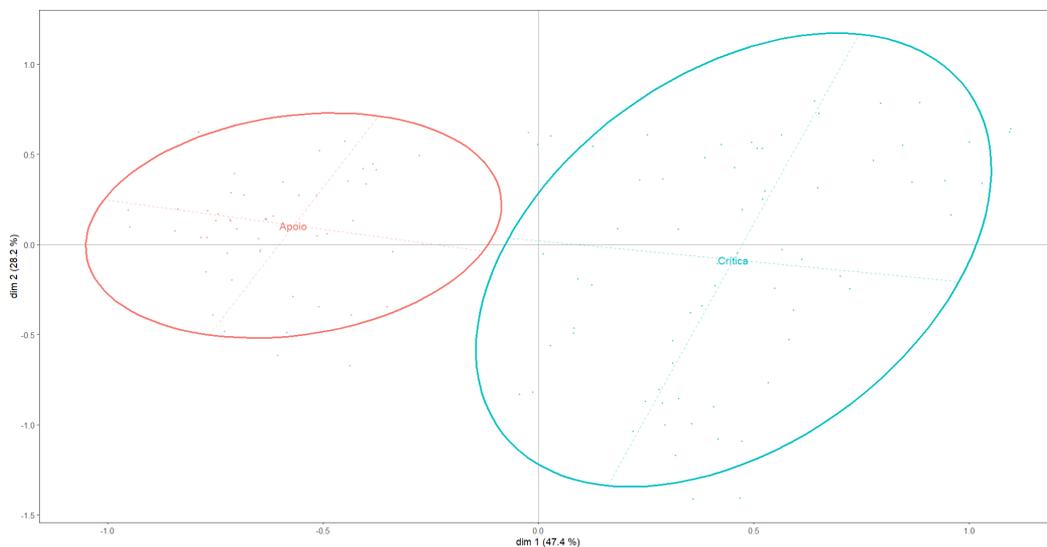
esse quadro, também foram relevantes para a formação desse eixo as categorias de proprietário e de origem sulina, associadas ao apoio. Do lado da crítica, aparecem ainda as categorias de origem estrangeira do capital da empresa e de faturamento superior a R\$ 10 bilhões.

O eixo 2 manifesta principalmente a diferenciação entre o grupo de críticos ao governo Bolsonaro: de um lado, os signatários da carta dos CEOs sobre o meio ambiente; de outro lado, signatários da carta de empresários e economistas sobre o combate à pandemia. Para essa interpretação concorre a posição dessas respectivas categorias e suas contribuições (ver tabela 2). Particularmente importantes são as propriedades diferenciais da parte negativa do eixo (parte de baixo do gráfico), que distingue – como é possível observar no gráfico 2 – um conjunto de indivíduos do restante da população examinada (tanto apoiadores quanto críticos). Aí aparecem as categorias de formação em Economia, de instituição de formação em PUCs, de empresas com até cem empregados e, de modo determinante, do setor de consultoria.

Há pelo menos três implicações relevantes desses resultados. Em primeiro lugar, eles oferecem evidência de que o apoio e a crítica ao governo Bolsonaro são, de fato,

GRÁFICO 3

Elipses de concentração – Posição política

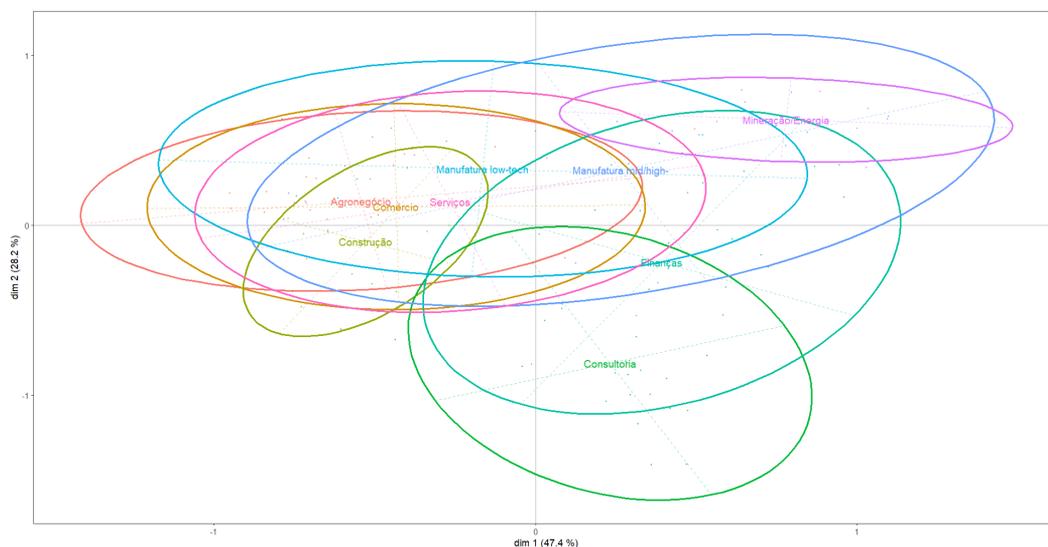


definidos por perfis sociológicos distintos de atores empresariais, considerando o conjunto de informações nos dados aqui examinados⁶. Como apoio para essa conclusão, as elipses das categorias dessa variável aparecem nitidamente opostas e sem sobreposição, no gráfico 3. O conjunto de categorias associado a cada posição permite esboçar a lógica dessa oposição. Ela se constitui enquanto uma diferenciação em termos de volume de capital cultural, que corresponde ainda a diferentes escalas de organização e inserção organizacional dos indivíduos. Críticos possuem mais capital cultural e são tipicamente quadros executivos em grandes corporações – muitas vezes transnacionais. Apoiadores detêm menos capital cultural e são proprietários de empreendimentos de menor escala, em relação às organizações dos críticos. Para o acesso aos altos cargos de gestão nas grandes corporações são quase indispensáveis as credenciais acadêmicas, enquanto bilhete de entrada em um meio com enquadramentos cognitivos e regras de conduta relativamente autonomizados. O acesso à posição de proprietário de um negócio afluyente se dá de maneiras muito mais variadas, dispensando muitas vezes tais credenciais, em processos muito mais abertos.

Em segundo lugar, os críticos são um grupo mais heterogêneo que os apoiadores. As características do eixo 2, assim como a forma da elipse dos críticos no gráfico 3,

6. Na ACM, o cenário alternativo seria aquele em que as categorias da variável de posição política não se mostrassem relevantes para a definição de algum eixo (e se situassem mais ao centro dos eixos no gráfico).

GRÁFICO 4
Elipses de concentração – Setor



demonstram esse ponto. Emerge uma oposição entre críticos em organizações, de um lado, mais intensivas em capital cultural (consultorias, com fortes relações com a academia, principalmente na área de Economia) e, de outro, em capital físico (grandes corporações). Embora essas últimas também contem com quadros dotados de credenciais acadêmicas, elas se destacam pelo volume de capital físico que as consultorias dispensam. Assim, os críticos se diferenciam entre um polo intelectual e um polo gestor, sugerindo que a crítica à extrema direita é nutrida em condições sociais de existência empresarial mais diversas que o apoio.

Finalmente, cabe ainda ressaltar as diferenças setoriais nesse quadro de características que distingue apoiadores e críticos. Como uma típica instância que define convergências e estratificação da ação política no mundo empresarial, vale discutir o comportamento dessa variável, apesar de poucas de suas categorias constarem como muito relevantes para a formação dos eixos. Além da posição de suas categorias no gráfico 1, observaremos as elipses de concentração de cada uma das categorias no gráfico 4. Em um primeiro olhar, há uma oposição entre, por um lado, os setores do Agronegócio, Comércio, Construção, Manufatura *low-tech* e Serviços e, por outro lado, Consultoria, Finanças, Manufatura *mid/high-tech* e Mineração/Energia. Entretanto, as elipses sugerem que pode haver maior ou menor heterogeneidade intrassetorial. Enquanto demais setores são relativamente homogêneos – sejam mais relacionados ao apoio ou à crítica –, as manufaturas, tanto em seu nível *low-*

-tech, quando no *mid-high-tech*, se revelaram bastante heterogêneas. Suas elipses se espalham ao longo de boa parte do eixo 1. Em outras palavras, o núcleo do apoio à extrema direita – no sentido em que seus atores têm propriedades e posições políticas mais similares – está nos setores do Agronegócio, Comércio, Construção e Serviços, considerando o tipo de critério utilizado para o levantamento dos indivíduos.

No gráfico 2, podem-se observar alguns indivíduos sinalizados, a fim de mostrar posições exemplares. Começamos pelo quadrante superior direito (críticos corporativos). Carioca e formado em engenharia pela Universidade Federal Fluminense, Eduardo Bartolomeo é CEO da Vale S.A, com pós-graduação realizada no exterior e passagem por cargos executivos também fora do país. A Vale é uma das dez maiores mineradoras do mundo. Tania Cosentino é CEO da Microsoft, cargo ao qual chegou após passagem por outras multinacionais. Nascida em São Paulo e formada em engenharia elétrica em uma reputada faculdade privada da área, ela também é conhecida pelo notório engajamento em questões de sustentabilidade empresarial. No quadrante inferior direito, ilustramos a posição dos críticos consultores com Regina Madalozzo, da Moura Madalozzo Economic Consultancy. Com formação em Economia, ela cursou mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado na Universidade de Illinois e trabalhou por quase vinte anos como professora e pesquisadora acadêmica no Insper, com atuação na área de economia feminista. Duas outras figuras ilustram o grupo de apoiadores, no quadrante superior esquerdo. Cornélio Sanders, nascido em 1955 no Rio Grande do Sul, é proprietário do Grupo Progresso, que desenvolve atividades relacionadas ao agronegócio. O grupo é ativo principalmente no Piauí, onde é um dos maiores produtores de grãos do estado. Não foi possível encontrar qualquer informação sobre formação superior para Sanders. Finalmente, o menos discreto dos apoiadores de Bolsonaro, Luciano Hang, é originário de Brusque, Santa Catarina, com diploma de tecnólogo em processamento de dados em uma universidade pública municipal do interior desse mesmo estado. Proprietário da rede varejista Havan, o empresário tem se destacado por posicionamentos públicos notórios desde o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Comentários finais

Com a onda neoconservadora e a eleição de Jair Bolsonaro, parte do mundo empresarial brasileiro aderiu ostensivamente a posições relacionadas ao extremismo de direita – para além das vantagens da proximidade com o poder. Destacam-se o negacionismo sanitário durante a pandemia e as atitudes predatórias com relação ao meio ambiente. Redobra a importância sociológica de tal alinhamento do poder

econômico e político o fato de que ele foi acompanhado de uma reação crítica de outra parte do mundo empresarial a esse mesmo extremismo.

Existem então propriedades e condições de existência social que distinguem atores empresariais que aderem à extrema direita e aqueles que não o fazem? Este artigo oferece evidências para responder afirmativamente essa pergunta. Os resultados de nossa análise sugerem que os apoiadores do governo Bolsonaro são atores com empreendimentos – mesmo que às vezes portentosos e rentáveis – de escala comparativamente menor que os dos críticos e com recursos culturais individuais também relacionalmente mais reduzidos. Eles compõem um polo dotado de mais recursos econômicos que culturais no espaço econômico e social. Os atores empresariais que se expressaram criticamente, por sua vez, aparecem como um polo cuja composição de recursos econômicos e culturais é mais equilibrada – sublinhando-se suas maiores e melhores credenciais acadêmicas. Ademais, são altos gestores em grandes corporações, muitas vezes transnacionais. Os resultados apontaram ainda que o grupo de críticos pode ser mais heterogêneo que o de apoiadores, diferenciando-se entre altos gestores e consultores.

Essas conclusões despertam uma série de reflexões e questões adicionais de pesquisa. Primeiro, esses fatores que estruturam as diferenças entre os grupos valem para o mundo empresarial mais geral ou apenas para esse estrato mais engajado que aparece em nosso conjunto de dados? Tal questão indaga ainda se há uma divergência na estrutura das oposições políticas do empresariado, quando consideramos atores empresariais “ativos” e “passivos” politicamente. É possível, por exemplo, conjecturar que a maioria dos atores empresariais endosse grande parte da agenda de extrema direita, mesmo que silenciosamente. E que uma clivagem só se revelaria em função da natureza “ativista” de uma parte minoritária de atores com alguma implicação em princípios de sustentabilidade empresarial – em contraposição com extremistas de direita ostensivos.

As diferenças regionais despontam ainda como outro tema que merece melhor escrutínio. A proporção de apoiadores entre os atores empresariais da região Sul é notável. Se a maior concentração de críticos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo correspondem aproximadamente às áreas nacionais de maior acumulação de capitais simbólicos, o que faz do Sul uma trincheira extremista? Uma das dimensões da ascensão de Bolsonaro é muito provavelmente um *backlash* racial, ante a implantação de várias políticas visando à maior igualdade racial nos últimos vinte anos (Da Silva e Larkins, 2019). Seria talvez a suposta depreciação relativa da branquitude – como recurso simbólico que oferece fáceis retornos em múltiplos jogos sociais em função da mera hereditariedade fenotípica – a fonte de adesão de atores empresariais ao extremismo de direita? Tal hipótese merece aprofundamento, particularmente

considerando-se a região Sul, cujas versões dominantes de autodefinição passam pelo ideal de um subpaís branco, em oposição à sua versão hegemônica de um Brasil mestiço (Alvez, 2019).

Finalmente, cabe ainda sinalizar a necessidade de uma maior reflexão sobre a relação entre diferenças setoriais e a extrema direita. Uma importante pista é lançada pelo clássico trabalho de sociologia política de Seymour Lipset (1960), *O homem político*. Em seu capítulo sobre o fascismo, o livro reforça uma conhecida relação entre extremismo de direita e o que ele denomina de psicologia das “classes médias” no capitalismo de então. Entende-se que essas classes médias, na acepção de Lipset, se referem em grande parte a uma pequena burguesia, deslocada pelas transformações de um segundo espírito do capitalismo (Boltanski e Chiapello, 2009), que introduziram o gigantismo organizacional, a centralidade dos quadros gerenciais, e a profissionalização e racionalização da gestão empresarial. Realizando um balanço da literatura que busca estabelecer essa relação, Nolan e Schneck (1969, p. 90) resumem o argumento:

Impotente para suprir as exigências do industrialismo moderno e sob enorme pressão das grandes corporações, dos sindicatos poderosos e do governo onipresente, o pequeno empresário se percebe como um “homem marginal” relegado à margem dos sistemas econômico e social contemporâneos. Sem encontrar apoio nem nas camadas trabalhadoras nem na alta cúpula empresarial, ele pode encarar a erosão de seu poder com ressentimento. Privado de sua antiga influência, status e função, o pequeno empresário tende a se sentir isolado e alienado.

Criada em outro momento da história capitalista, essa perspectiva deve ser seguramente adaptada para uma realidade econômica que vivenciou processos de flexibilização e descentralização do neoliberalismo. Ainda assim, é significativo que típicos setores pequeno-burgueses – agronegócio, comércio, construção e serviços –, a despeito da presença de algumas empresas de grande porte, sejam justamente aqueles inequivocamente associados ao apoio a Bolsonaro. Especialmente, porque eles o são, de modo relacional ao *Big Business*. Assim, é preciso examinar mais detalhadamente como a posição dominada no espaço econômico e a vulnerabilidade desses setores podem levar à construção de visões políticas extremistas.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Angela. (2017), “A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer”. *Novos Estudos*: 49-58, p. 49.
- ALONSO, Angela & MISCHÉ, Ann. (2017), “Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests”. *Bulletin of Latin American Research*, 36 (2): 144-159.
- ALVES, Benno V. W. (2019), *Brasileiro, branco: a fronteira da branquitude no Paraná*. 207 p. São Paulo, tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- AVRITZER, L. (2019), *O pêndulo da democracia*. São Paulo, Todavia.
- AVRITZER, Leonardo; KERCHÉ, Fábio & MARONA, Marjorie. (2021), *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- BALLESTRIN, L. (2018), “O debate pós-democrático no século XXI”. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, 4 (2): 149-164.
- BARBOSA, Fernando de Holanda. (2017), “A crise econômica de 2014/2017”. *Estudos Avançados*, 31 (89): 51-60. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>.
- BARREIROS, B. C. (2018), “A conformação de adeptos da ‘gestão sustentável’: Investigando a ‘turma da sustentabilidade’ da FGV-Eaesp”. *Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais*, 1, (48): 38-56. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2018v1n48.37761>.
- BARREIROS, B. C. (2021), “A apropriação da sustentabilidade no espaço empresarial brasileiro”. *Novos Rumos Sociológicos*, 9 (16): 146-177.
- BELTRÁN, G. J. (2012), “Las prácticas del poder. Discusiones en torno al problema de la acción política empresarial”. *Apuntes: Revista de Ciencias Sociales*, 39 (70): 69-102.
- BENZÉCRI, Jean-Paul. (1969), “Statistical analysis as a tool to make patterns emerge from data”. In: WATANABE, S. *Methodologies of pattern recognition*. Burlington, Academic Press; Elsevier Science, pp. 35-74.
- BERSCH, K. & LOTTA, G. (2024), “Political control and bureaucratic resistance: The case of environmental agencies in Brazil”. *Latin American Politics and Society*, 66 (1): 27-50.
- BERTONCELO, E. (2022), *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília, Enap.
- BEZERRA, C.; ALMEIDA, D. R.; LAVALLE, A. G. & DOWBOR, M. (2024). “Entre a desinstitucionalização e a resiliência: Participação institucional no governo Bolsonaro”. *Dados*, 67 (4): 1-49.
- BIROLI, Flávia. (2020), “Gênero, ‘valores familiares’ e democracia”. In: BIROLI, F.; MACHADO, M. & VAGGIONE, J. *Gênero, neoconservadorismo e democracia*. São Paulo, Boitempo.
- BOLTANSKI, L. & CHIAPPELLO, È. (2009), *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, Martins Fontes.
- BOURDIEU, P. ; CHAMBOREDON, J. C. & PASSERON, J. C. (1968). *Le métier de sociologue: préalables épistémologiques*. Mouton, Bordas.

- CARDOSO, Fernando Henrique. (1964), *Empresário industrial e desenvolvimento econômico*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro.
- CARVALHO, Laura. (2018), *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo, Todavia.
- CÔRTEZ, M. (2021), “A revolta dos bastardos: do pentecostalismo ao bolsonarismo”. *Caderno CRH*, 34: 1-24.
- COSTA, Sérgio. (2018), “Estrutura social e crise política no Brasil”. *Dados*, 61: 499-533.
- CRUZ, Sebastião Velasco e. (1995), *Empresariado e Estado na transição brasileira: um estudo sobre a economia política do autoritarismo (1974-1977)*. Campinas, SP, Unicamp/Fapesp.
- DA SILVA, A. J. B., & LARKINS, E. R. (2019), “The Bolsonaro election, antiblackness, and changing race relations in Brazil”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, 24 (4): 893-913.
- DINIZ, E. & BOSCHI, R. (2004), *Empresários, interesses e mercado: dilemas do desenvolvimento no Brasil*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- DOBRY, Michel. (2014), *Sociologia das crises políticas: a dinâmica das mobilizações multissetoriais*. São Paulo, Edusp.
- DREIFUSS, René A. (1981), *1964: A conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- DWECK, Esther & TEIXEIRA, Rodrigo Alves. (2017), “A política fiscal do governo Dilma e a crise econômica”. *Texto para discussão – IE Unicamp*, 303: 1-42.
- EMIRBAYER, M. (1997), “Manifesto for a relational sociology”. *American Journal of Sociology*, 103 (2): 281-317.
- GOERTZ, G. & MAHONEY, J. (2012), *Tale of two cultures-contrasting qualitative and quantitative*. Princeton, Princeton University Press.
- GOMIDE, A.; SILVA, M. & LEOPOLDI, M. (2023), *Desmonte e reconfiguração de políticas públicas (2016-2022)*. Brasília, Ipea; INCT/PPED.
- GRÜN, Roberto. (2015), *Decifra-me ou te devoro: o Brasil e a dominação financeira*. São Paulo, Alameda.
- GRÜN, Roberto. (2018), *Da pizza ao impeachment: uma sociologia dos escândalos no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Alameda.
- HJELLBREKKE, J. (2018), *Multiple correspondence analysis for the social sciences*. London, Routledge.
- KIRSCHNER, A. M., & MONTEIRO, C. F. (2002), “Da sociologia econômica à sociologia da empresa: para uma sociologia da empresa Brasileira”. *Sociedade e Estado*, 17: 80-103.
- KLUGER, E. (2018), “Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação”. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 86: 68-97.
- LE ROUX, B., & ROUANET, H. (2004), *Geometric data analysis: From correspondence analysis to structured data analysis*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- LE ROUX, B. & ROUANET, H. (2010), *Multiple correspondence analysis*. Thousand Oaks, Sage.

- LEBARON, F., & LE ROUX, B. (2013). “Géométrie du champ”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (5): 106-109.
- LIPSET, Seymour. (1960), *Political man: The social bases of politics*. Garden City, New York, Doubleday & Company. Tradução brasileira: (1967), *O homem político*. Tradução de Álvaro Cabral. Revisão técnica de Moacir Palmeira e Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro, Zahar.
- MANCUSO, Wagner P. (2007), “O empresariado como ator político no Brasil: balanço da literatura e agenda de pesquisa”. *Revista de Sociologia e Política*, 28: 131-146.
- MENDONÇA, Ricardo. (2019), “Antes de construir é preciso ‘desconstruir muita coisa’ no Brasil, diz Bolsonaro nos EUA”. *O Globo*, 18/03.
- MIGUEL, L. F. (2022), *Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica.
- MONTEIRO, Cristiano. F. (2008), “Empresários e ação política no contexto das reformas para o mercado: o caso da aviação comercial”. *Revista de Sociologia e Política*, 16: 159-180. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000300012>.
- NOLAN, R. L., & SCHNECK, R. E. (1969), “Small businessmen, branch managers, and their relative susceptibility to right-wing extremism: an empirical test”. *Canadian Journal of Political Science/Revue Canadienne de Science Politique*, 2 (1): 89-102.
- RAGIN, Charles. (2009), *Redesigning social inquiry: Fuzzy sets and beyond*. Chicago, University of Chicago Press.
- RENNO, L. (2022), “Bolsonarismo e as eleições de 2022”. *Estudos Avançados*, 36 (106): 147-163. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36106.009>.
- ROCHA, C. & SOLANO, E. (2021), “A ascensão de Bolsonaro e as classes populares”. In: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (orgs.). *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. São Paulo, Autêntica.
- ROSSI, Pedro & MELLO, Guilherme. (2017), “Choque recessivo e a maior crise da história: a economia brasileira em marcha a ré”. *Nota do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica – IE/Unicamp*, n. 1.
- SANTOS, W. G. dos. (2017), *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro, FGV.
- SARTORE, Marina. (2012), “Da filantropia ao investimento socialmente responsável: novas distinções”. *Caderno CRH*, Salvador, 25: 451-464.
- SCARAMUZZO, Mônica. (2021), “Em jantar, empresários pedirão para Bolsonaro deixar pautas ideológicas de lado”. *Valor*. São Paulo, 7/4.
- SINGER, André. (2018), *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SOLANO, E.; ROCHA, C. & SENDRETTI, L. (2024), “Mulheres de extrema direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher”. *Caderno CRH*, Salvador, 36: 1-16.
- TEIXEIRA, Rodrigo Alves; DWECK, Esther & CHERNAVSKY, Emílio. (2018), “A economia política da política fiscal e o processo de *impeachment*”. *Encontro Nacional de Economia Política*.

Resumo

Clivagens emergentes no mundo empresarial brasileiro: apoiadores e críticos da extrema direita

O objetivo do artigo é examinar as divisões no mundo empresarial brasileiro, que emergem com a ascensão da extrema direita no país, no fim da década de 2010. Enquanto alguns atores dessa esfera demonstraram apoio ostensivo à agenda do governo Bolsonaro, outros expressaram críticas, principalmente concernindo às áreas sanitária e ambiental. Que fatores sociais subjazem a essa clivagem? Com um conjunto de dados original, construído com informações públicas sobre apoiadores e críticos ao governo Bolsonaro, foram realizadas tabulações cruzadas e uma Análise de Correspondências Múltiplas. Os resultados sugerem que os apoiadores são atores de empresas comparativamente menores e com recursos culturais mais reduzidos, enquanto os críticos provêm em geral de grandes corporações, dotados de mais recursos culturais. Identificou-se ainda que o grupo de críticos é mais heterogêneo que o de apoiadores.

Palavras-chave: Empresários; Executivos; Bolsonaro; Extrema Direita; Análise de Correspondências Múltiplas.

Abstract

Emerging cleavages in the Brazilian business world: supporters and critics of the far right

This paper delves into the divisions within the Brazilian business sphere that emerged with the far-right's ascent to power in the late 2010s. While some business actors openly supported the Bolsonaro administration's agenda, others voiced criticism, particularly regarding environmental and health policies. What social factors underlie this cleavage? Utilizing an original dataset built from public information on Bolsonaro supporters and critics, cross-tabulations and Multiple Correspondence Analysis were conducted. The findings suggest that supporters are comparatively smaller businesses with lower cultural resources, while critics generally hail from large corporations with more cultural resources. Additionally, the critic group was found to be more heterogeneous than the supporter group.

Keywords: Businessmen; Executives; Bolsonaro; Far right; Multiple Correspondence Analysis.

Texto recebido em 15/06/2024 e aprovado em 03/10/2024.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2024.226295.

RODRIGO CANTU é professor adjunto do Departamento de Sociologia e Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: rodrigo.cantu@ufpel.edu.br.

